

## **Ter: para quê?**

O tema de 2011, “Ter: para quê?”, foi definido a partir de vivências e conversas com alunos, pais, terapeutas e educadores do Andrews e de outras escolas; e também do que se viu na mídia. Enfim, tudo que nos faz pensar sobre nós mesmos, os outros, nosso contexto e o mundo em que vivemos. Diversos episódios apontavam a necessidade de revisitarmos os pronomes possessivos no seu sentido mais amplo: o meu, o seu, o nosso, o do outro.

Para promover o convívio humano em sociedade, escola e família dedicam-se à tarefa de ensinar crianças e jovens a relacionarem-se de forma respeitosa, em que prevaleçam valores éticos e democráticos. Por isso, o Andrews entende que a “condição humana” deve ser o objeto essencial de todo o ensino na Educação Básica.

O tema também será objeto de ações com as famílias, através de abordagens reflexivas e formativas. Afinal, muitas situações são inéditas para todos e trazem enigmas a serem compreendidos, decifrados e aprendidos. A escola pode contribuir como cenário e contexto para amadurecer essas questões e avançar na busca de referências e critérios que orientem os desafios envolvidos na educação de crianças e adolescentes.

Muitos sociólogos e estudiosos, ao comentarem a sociedade atual, têm afirmado que ela constitui-se a partir do consumo e da velocidade, e que os muros que separavam o público e o privado desapareceram. No fundo, o que parece estar em jogo não são apenas as ações ou escolhas que realizamos, mas o sentido de cada uma delas: o para quê. E nele, a inclusão do outro.

Dessa forma, o tema “Ter: para quê?” possibilita diferentes leituras. Dentre elas, o convite à reflexão acerca das modalidades de consumo também como forma de estratégia para produção de identidade. Em

contraste com essa tendência, será possível propor outras estratégias para a produção de identidade e de sentido da trajetória de cada um: o trabalho, o investimento em formas menos imediatas de prazer, a gratificação advinda do trabalho, do estudo, do empenho pessoal de cada um. Ou seja, em contraposição ao recurso de um padrão compulsivo de consumo, propor que cada um busque compor sua identidade a partir de sua criatividade, de sua possibilidade de autoria, daquilo que é capaz de produzir, de compartilhar, de proporcionar ao outro e ao grupo.

O aluno será convidado a pensar nesses termos a sua produção escolar. Da mesma forma, professores e famílias podem conceber sua “atuação educativa”. Cada um poderá refletir acerca de seu trabalho, empenho, desempenho e também como escolhe investir em seu papel de estudante/educador.